

Mãe Viva

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO IV — N.º 180 — Preço 6\$00 — 17/1/80

ESPINHO NOS ANOS SETENTA

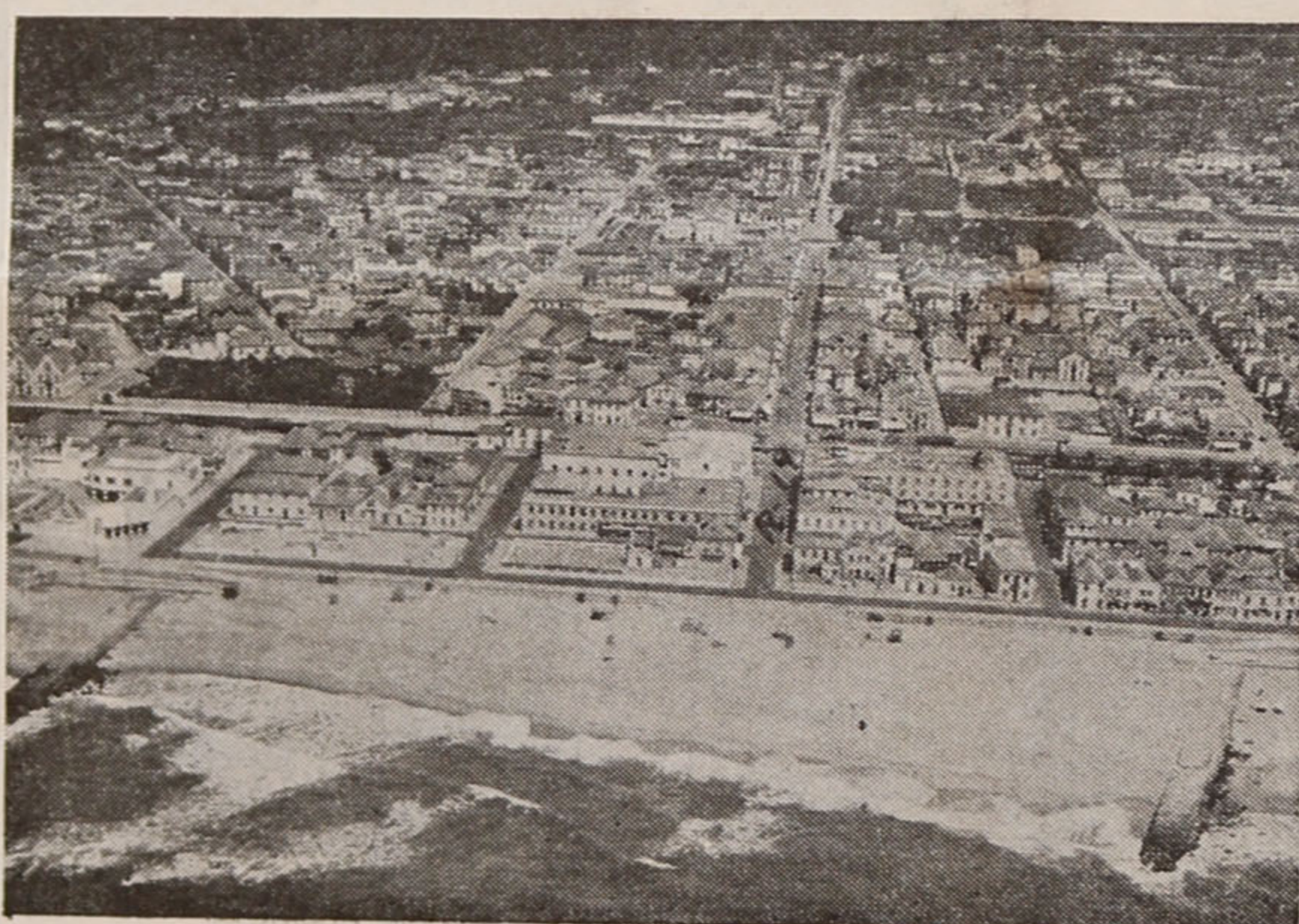
Em amplo inquérito levado a cabo em meados de 1973 junto de sectores representativos da população da cidade, a «Defesa de Espinho» da época dava a conhecer nas suas páginas quais os principais problemas que afectavam uma terra que então desenhava um surto crescente de progresso e que em breve trecho veio a passar à categoria de cidade (embora, diga-se desde já, sem que este facto, viesse por si só trazer alterações significativas). Folheando essas páginas, relendo essas opiniões, vemos passar diante de nós um rosário de temas que ao longo destes anos setenta estiveram sempre na mira do cidadão espinhense, tendo até alguns deles, ainda por resolver, transitado para o enigma de que virão a ser os anos oitenta: o sempre presente problema da defesa da costa e da recuperação da praia, a desalentadora situação no que se refere aos acessos rodoviários, a falta de habitação económica, o contencioso vário e quase permanente, com a C.P., a protecção do desenvolvimento turístico, o desenvolvimento urbanístico da cidade, o arranjo turístico da Barrinha, a promoção socio-cultural da população, a construção de escolas, uma mais eficiente recolha do lixo, etc., etc.

Hoje, volvidos que são uma boa meia-dúzia de anos, e por certo que já há muito mais tempo estes e outros assuntos vêm preocupando o habitante de Espinho cidade e concelho, que balanço poderemos fazer do que significaram os últimos dez anos na vida de Espinho?

ser atraída de zonas rurais à procura de melhores condições de vida. O afluxo de retornados das ex-colónias foi também sensível, criando durante algum tempo problemas de vária ordem, nomeadamente inserção em hábitos de vida e comportamento diferentes mas que hoje parecem ultrapassados. Ainda a nível social, de registar o papel crescente exercido por uma juventude cada vez mais desinibida e ligada a formas de comportamento que têm

sido motivo de discussão e de interpretações várias, algumas vezes até ajudando a transmitir à imagem de Espinho determinadas características pouco agradáveis. Mas foi também nos anos setenta que muitos jovens espinhenses acordaram para as realidades profundas da sociedade em que viviam e nela procuraram intervir pelos processos de que foram capazes. Foram também estes anos

continua na página 5



A cidade cresceu e com ela muitos dos seus problemas

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

ANO NOVO — MESA NOVA

A Assembleia Municipal tem já eleita a mesa que dirigirá este importante órgão de poder local nos tempos mais próximos. Na primeira sessão realizada no último sábado de manhã, estiveram presentes todos os eleitos e tal como era de esperar não houve surpresas. A Aliança Democrática conseguiu eleger todos os membros da mesa apesar do empate verificado em termos de votação para o lugar de Presidente. Os nomes votados para a Presidência foram o de Alberto Alves do Partido Socialista e o de Pedro Lima da Aliança. Com vinte votos cada, a vitória coube ao cidadão mais votado nas últimas eleições autárquicas, no caso Pedro Lima. O resto veio por acréscimo, sendo eleito 1.º secretário Ramiro Marques Teixeira e 2.º secretário Luis Marques Gomes.

Como primeira impressão fi-

ca-nos a ideia de que o Presidente eleito será pessoa de uma grande abertura. A provávelo está o facto de ter aceite todas as sugestões e propostas de Madureira Gil (PS). Tal atitude pode no entanto vir do facto do mesmo não se sentir totalmente à vontade neste início de época. O vogal Vicente Pinto funcionou nesta primeira sessão como o porta-voz da AD, mas não tem o nível de um Ferreira de Campos ou mesmo de um Leitão. Fala muito sem dizer nada e será certamente e a curto prazo um engulho para os próprios «aliançários». — Esta assembleia promete despique. O equilíbrio é grande. — Que todos saibam sobrepor os interesses das populações e a resolução dos seus problemas concretos acima das suas vaidades pessoais e das clivagens políticas. A ver vamos para vos contar.

DESPORTO NOS ANOS SETENTA

páginas 4 e 6

MAIS GENTE E MAIS PROBLEMAS

Uma ideia surge à partida: o progresso evidente que se vinha já manifestando em vários domínios desde finais da década de sessenta acentuou-se e foi ainda mais notório, mas, por outro lado, agravaram-se também substancialmente algumas das dificuldades com que a cidade e o concelho se vinham já defrontando, sendo claramente a maior a crise na habitação. O aumento do movimento comercial, mormente a partir do 25 de Abril, não sofre contestação, sendo igualmente visível um certo progresso no domínio da actividade industrial, que se traduz sobretudo no aparecimento de grande número de pequenas unidades fabris e no crescimento regular das de maiores dimensões. Com tudo isto cresceu também significativamente a população da cidade e áreas limítrofes, com muita gente a

Porque o AIC terminou e o seu espírito não deve ser esquecido, porque nos encontramos num país onde (ainda) não há uma protecção efectiva à infância, resultado é certo de um longo período em que outros eram os interesses salvaguardados, assumem um papel deveras importante os infantários, que embora não satisfazendo as necessidades na sua totalidade, surgem como solução mais viável para este grave problema; por tudo isto deslocámo-nos mais uma vez ao Jardim Infantil da Costa Verde, o Patronato, para sa-

bermos não só como «correm» actualmente as coisas, mas também para averiguar sobre o passado daquela instituição, fundada há mais de 30 anos.

HISTÓRIA

O infantário da Costa Verde, hoje dependente da Direcção-Geral da Cruzada do Bem, foi criado em 1948, mais propriamente no dia 28 de Agosto. A sua construção só se revelou possível, graças à doação de D. Sílvia Cardoso, que com a sua fortuna montou diversos infantários de norte a sul do país.

As primeiras instalações eram na esquina das ruas 8 e 23, ângulo fronteiro ao actual Cine-Teatro S. Pedro. Da pri-

meira direcção destacam-se os nomes de então Presidente da Câmara, Cap. Adelino Dias dos Santos, Fausto Neves, as Irmãs da Sagrada Família, entre outros membros. No primeiro ano de existência do infantário eram 50 as crianças albergadas, todas elas oriundas da camada piscatória da população. Desde então, o número de crianças tem vindo a aumentar, cifrando-se hoje em 150.

É em 1975 que a convite do P.º Costa entra para a direcção do patronato, a D. Maria de Lourdes, que desde então vem desempenhando as funções de directora.

FUNCIONAMENTO

O infantário é ao todo composto por 11 salas, distribuídas da seguinte forma: 3 salas para as crianças dos 3 aos 6

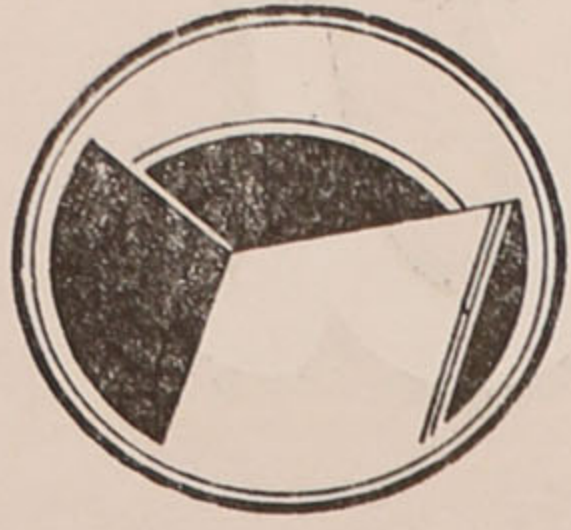
anos; 3 salas para as crianças dos 3 meses aos 3 anos; duas salas destinadas a crianças que nos seus tempos livres para ali vão, ocupando esse espaço de tempo das mais variadas formas e cujas idades estão compreendidas entre os 6 e os 10 anos; e ainda 3 salas de dormir, naturalmente para as crianças mais pequenas, para além de dois refeitórios.

São 150 as crianças que, em grande parte dos casos devido à profissão dos pais, frequentam aquele jardim infantil. Vinte e três é o número de funcionárias encarregadas da manutenção do infantário e da cuidar das crianças.

DINHEIROS

Difícil seria imaginar o funcionamento de qualquer insti-

continua na página 8



COLUNA NASCENTE

— NOVA DIRECÇÃO JÁ MEXE

Iniciou já os seus trabalhos a nova direcção da Cooperativa. Lembramos que dela fazem parte 11 membros, representando os diversos sectores da Nascente, desde os assuntos administrativos às já muitas secções.

Na sua primeira sessão de trabalho, a Direcção analisou alguns assuntos pendentes da anterior gestão e debucou-se sobre os tempos mais próximos. Foram distribuídas tarefas aos diversos directores no sentido de traçar uma panorâmica exaustiva da actual situação. A fase seguinte é, naturalmente, a planificação da actividade futura. Como já se vem tentando em anos anteriores, vê-se a necessidade de planear as coisas não só a curto prazo mas também a distância, para que o trabalho de animação cultural resulte o mais possível. Aliás, nem de outro modo poderia ser: a Cooperativa é já uma grande máquina, movimenta muita gente e muitos meios, reparte-se por múltiplos sectores, criou responsabilidades locais e nacionais que exigem um trabalho coordenado. Só assim aparecem os frutos, só assim se cresce. Como tem sucedido de dia para dia.

— SALÃO DO LIVRO: OS NÚMEROS

Em apenas 3 dias, as vendas rondaram os sessenta contos!

Referimo-nos ao Salão do Livro e do Disco promovido, na altura do Natal, pelo Centro Livreiro da Cooperativa. Não restam dúvidas sobre o sucesso da iniciativa. Feito o balanço, pode afirmar-se à vontade que estes Salões têm vindo a crescer em bom ritmo, mostrando com evidência a adesão dos sócios da Nascente e da população espinhense, em geral.

Livros, venderam-se cerca de 300. Discos, quase 100. Mas houve ainda brinquedos, embora em menor dimensão. Procurou-se que os brinquedos tivessem todos um interesse didáctico, fugindo dos sinais de violência que povoam (inconscientemente) o nosso mercado.

Brinquedos não foi a única inovação. Houve ainda um sorteio diário de um livro ou disco ao qual se candidavam todos os compradores.

Sessões culturais fizeram do salão qualquer coisa mais do que uma simples loja de venda. Houve cinema e teatro para as crianças. Estas iniciativas, aliadas à criteriosa escolha dos produtos para venda (abrangendo os mais diversos gostos), fizeram do Salão do Livro e do Disco um acontecimento importante.

É de continuar!

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 1/1980

JOSÉ CARVALHO DA FONSECA, Presidente da Câmara Municipal de Espinho:

Faz público, de acordo com a deliberação tomada em reunião extraordinária realizada no dia 7 do corrente, que as reuniões ordinárias desta Câmara Municipal, continuarão a ter lugar nos mesmos dias, horas e

locais, em que vinham realizando-se ou seja:

Na primeira quinta-feira de cada quinzena, pelas 14 horas, no salão nobre da edifício dos Paços do Concelho.

E para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Espinho e Paços do Concelho, 9 de Janeiro de 1980.

O Presidente da Câmara
JOSÉ CARVALHO DA FONSECA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FEIRA

No próximo dia 22 de Fevereiro pelas 14 horas, à porta do Tribunal Judicial da Comarca da Vila da Feira, terá lugar a arrematação de dois prédios, uma casa sobradada com quintal junto sítio na Relva, Paramos, concelho de Espinho, descrita na Conservatória do Registo Predial da Feira sob o número 37.616 a fls. 63 do livro B-98 e inscrita na matriz urbana sob o artigo 156, que vai à praça pelo valor de 5.220\$00 e um terreno de cultura, também sítio no lugar da Relva, Paramos, concelho de

Espinho, inscrito na matriz rústica da freguesia de Paramos sob o artigo 478, omissa na Conservatória que vai à praça pelo valor de 1.720\$00 ordenada nos autos de ACÇÃO ESPECIAL DE ARBITRAMENTO — Divisão de Coisas Comum — que os autores, BELMIRA TERESA LEITE, viúva, doméstica, da Relva, Paramos, Espinho e outros movem aos réus LAURINDA LEITE DE OLIVEIRA e marido MANUEL AUGUSTO DA SILVA MOREIRA, ela doméstica e ele operário, residentes em França e outros, processo 15/61/A da 1.ª secção do 1.º Juízo.

Vila da Feira, 10 de Janeiro de 1980.

— CINANIMA 80 COMEÇA AGORA

Está já decidido que, neste primeiro dos anos 80, Espinho vai ter de novo CINANIMA. Mais: esse acontecimento que muito tem projectado o nome de Espinho, no país e no estrangeiro, até já tem data marcada. Em princípio, se nada obrigar a alteração, a festa do Cinema de Animação decorrerá entre 19 e 23 de Novembro. Não há dúvida: as coisas começam a preparar-se com tempo! Só assim é possível que tudo esteja pronto a horas e sem atropelos, permitindo o funcionamento organizado de um certame que não é brincadeira.

Novidades sobre o Festival? Ainda é cedo para elas. É bem possível que surjam algumas, e interessantes, mas convém garanti-las primeiro... Para já, a garantia de que teremos CINANIMA, e o melhor CINANIMA que os nossos mais os (materiais e humanos) permitirem. Daqui até lá, ainda haverá muito que dizer.

— TEATRO PARA AS CRIANÇAS

O Teatro Popular de Espinho continua em actividade. A prova-lo, aí está mais uma estreia: desta feita, um trabalho para crianças.

«Sagui e as Estrelas» é o título da peça, estreada em Espinho por ocasião do Salão do Livro e também já apresentada em Paramos.

A partir de um pequeno extracto dos «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes, Domingos de Oliveira escreveu e encenou. Três actores e um técnico completam o elenco.

Trata-se de uma peça pequena (25 minutos) feita inicialmente para ser apresentada nas escolas, na sala de aula, proporcionando aos professores uma continuação do trabalho. Actualmente está a ser aumentada, permitindo assim espectáculos para crianças em qualquer local, fora da escola. De qualquer modo, vão continuando as representações, que só não são mais porque os actores têm as suas ocupações profissionais e nem sempre podem coordenar o seu horário com os das escolas.

Aqui fica a notícia. Voltaremos ao assunto com maior desenvolvimento. Não é todos os dias que Espinho faz teatro para as crianças...



T.P.E. num ensaio: dos «Esteiros» para as crianças.

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Sexta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Sábado — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Domingo — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Segunda — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Terça — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Quarta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250

O Juiz de Direito,
António José Cortês Cardoso
de Albuquerque

O Escrivão de Direito
Domingos da Silva Lopes
Machado

FONSECA
TECIDOS
MODAS
ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

MARE VIVA

SEMANARIO

Propriedade: NASCENTE — COOPERATIVA DE ACCAO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número: António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Manuel Fernando e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais e Nuno Barbosa (colaboradores de redacção).

Composição e impressão: TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L. RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

CINEMA

Quinta-feira, 17
A RAINHA DA RUA
M/ 18 anos

Numa produção que tem Israel como país de origem, a história de uma prostituta que procura a recuperação através de uma amizade com um jovem, com vista à sua reintegração social. Assunto já bastante abordado, mas que apesar de bem intencionado não deixa de revelar aqui a sua natural concepção sionista de sociedade, o que ideologicamente consideramos reprovável. Quanto à lamecha da narrativa, ela não podia faltar.

Sexta-feira, 18
A SELA DE PRATA
M/ 13 anos

Montgomery Wood é o protagonista. Mais alguma coisa será preciso acrescentar?

Sábado, 19
ROCK É MESMO ROCK
M/ 13 anos

Um concerto realizado, há uns anos atrás em Nova Iorque, pelos Led Zeppelin aparece aqui transposto para o cinema. O que disso resultou? Uma fita cheia de ritmo musical, é certo, mas falha de perspectiva cinematográfica, tecnicamente fraca e de muito limitada aceitação, pelo que só quem muito aprecia a música daquele conhecido agrupamento lhe poderá dar apreço. Nestas coisas não basta a intenção. É indispensável o talento para que o acontecimento não se confine à sua própria audiência e capte o gosto de outros tipos de público.

Domingo, 20
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
M/ 18 anos

Uma vez mais, o tema de problemas relacionados com a psiquiatria são desenvolvidos. Como é sabido, a questão é complexa e delicada e é sempre difícil o seu tratamento em cinema. No entanto, os competentes esforços empregues nesta película, aliados a uma sensível seriedade, levam a concluir que são meritórios os resultados aqui atingidos. O elenco artístico parece ter bem contribuído para essa finalidade. A considerar, portanto.

Terça-feira, 22
VÁ GORILA, CHEGA-LHE
M/ 18 anos

«Gorila» refere-se aqui ao termo de gíria relativo aos guarda-costas, pelo que não é difícil relacionar o desempenho central com aquelas controversas figuras. A acção é a habitual das fitas italianas de série, que não deixam história mas que também não dão para atirar pedras. Apenas sem interesse.

Retalhos da vida de uma década... (2)

• O AUTOMÓVEL, A CRISE, A BICICLETA...

A utilização do automóvel nos anos 70 está intimamente ligada a dois importantes factores: crise energética mundial e atenção à qualidade de vida, nomeadamente nos espaços urbanos. Se a aquisição e o «culto» do automóvel, enquanto elemento privilegiado de transporte individual, não foram muito afectados na sociedade de consumo, também é facto que a sua utilização teve que ser bastante racionalizada. A gaso-

lina subiu muito, o tráfego nas grandes cidades está saturado. Daí uma preocupação crescente com as soluções colectivas, que passa por um incremento dos transportes públicos mais eficazes e por uma melhoria das redes rodoviária e ferroviária. Generalizam-se modalidades de passe social, facilita-se o movimento de autocarros, fecham-se ao automóvel zonas de grandes cidades.

Ainda no domínio dos transportes, assiste-se a curiosas mudanças de atitude. Se os anos 60 começavam a apontar aos eléctricos o caminho do museu, os anos 70 pediram-lhes que ficassem e desenvolveram a sua utilização. Não dependem tanto do petróleo... Em alguns países, a bicicleta como meio de transporte urbano marcou

pontos e é de prever que a tendência se acentue. Sendo mais fácil de arrumar, não ocupa tanto espaço, desenvolve fisicamente e não polui o ambiente. Já que se fala de poluição: continuam as tentativas para encontrar e generalizar o uso do automóvel não poluente, movido por electricidade e não por gasolina. Uma herança para os anos 80.

Finalmente, registe-se a curva descendente do tráfego por via marítima e o grande incremento dado ao transporte aéreo, seja para pessoas, seja para mercadorias. Cada vez se quer chegar mais depressa e com maior comodidade, não obstante os preços tenham chegado a níveis proibitivos para os estratos da população economicamente mais frágeis.

• TURISMO, APESAR DE TUDO

A transformação do mundo contemporâneo numa «enorme aldeia», em que tudo se sabe em todo o lado, como dizia alguém, não se deve só à informática. O turismo é, também, muito responsável por este esbater de diferenças entre os povos, por este anular fronteiras, por esta cada vez mais livre circulação de pessoas e ideais (como se referia na Conferência de Helsínquia). As pessoas

querem, hoje mais do que nunca, viajar, conhecer outros países e outras gentes. Muitas há que não prescindem da sua viagem, mais ou menos longa, em cada ano.

O turismo como actividade bastante generalizada e não apenas apanágio de ricos terá já começado nos anos 60 e consolidou-se definitivamente nos anos 70. Não fora a crise do petróleo, que obrigou a uma natural recessão, e teríamos assistido a um «boom» turístico espantoso. O ano de 73 foi aquele de maior fluxo turístico; veio a crise, mas as pessoas, refizeram-se e 78 superou os anteriores records. Em 79, foi-se ainda mais longe.

Foi enorme o desenvolvimento dos voos «charter», descobriram-se muitas zonas de turismo, multiplicou-se o número de parques de campismo e de campistas, progrediu a indús-

tria hoteleira. O gosto pelo exotismo tem levado à descoberta de zonas anteriormente pouco visitadas, em África, na Ásia. O desanuiamento e as melhores relações mundiais abriram decisivamente os países socialistas ao turismo ocidental. Continuam a descobrir-se novos mercados na praia, no campo, na montanha. A par de unidades turísticas altamente sofisticadas, surge mais forte a busca da natureza, onde ela ainda se mantém pouco degradada.

Turismo social, turismo de massas, tem vindo a desenvolver-se. Isto prende-se naturalmente com o direito a férias e aos tempos livres, direito esse cada vez mais reivindicado. Turismo interno, férias repartidas, são fenómenos que prometem continuar a crescer. Os anos 70 deram a empurrão decisivo... apesar da questão do petróleo!

• O INSÓLITO MAIS PRÓXIMO

Os anos 70 viram (ou julgaram ter visto) muitos OVNIS. A discussão e a polémica sobre este assunto instalaram-se definitivamente, sem grandes receios, no meio da opinião pública. Dedicou-se uma progressiva atenção ao insólito e ao oculto. Nesta atenção será possível vislumbrar, por um lado, o desejo de que a nossa civilização tecnológica explique tudo o que há a explicar; por outro lado, uma progressiva sensação de que o homem neste mundo parece ter os seus limites e talvez se devam procurar explicações algures. Uma nova forma de religião, de crença, de ligação ao sobrenatural, numa altura em que a sociedade vai reduzindo o espaço da consciência individual e da privacidade de cada um?

Seja como for, o fenómeno foi muito discutido. Publicaram-se centenas de livros sobre temas insólitos, desde os extraterrestres aos mundos paralelos, desde o determinismo astrológico à magia negra, passando pelo espiritismo, parapsicologia, telepatia, etc. A própria ciência começou a estudar seriamente alguns destes assuntos, não os deixando mais à simples curiosidade e especulação do «crente» comum. A

ficção científica instalou-se com armas e bagagens entre nós. Fizeram-se congressos de ovniologia, surgiram «relatórios secretos», fala-se que organismos importantes ligados à exploração espacial nas grandes potências sabem muitíssimo mais do que dizem. Entretanto, viram-se ovnis aos centos, contactaram-se humanóides, viajou-se em naves extra-terrestres, temeram-se invasões. O que isto tenha ou não de verdade é ainda incógnita, que até as organizações científicas não parecem muito interessadas em es-

clarecer.

Também na esfera do oculto muito se pisou. A velhíssima instituição da «bruxa» não passou à história mas perdeu decisivamente terreno em relação aos astrólogos e similares com diploma universitário e demais títulos que pretendem avaliar um «saber de ciência feito». Seja com umas ou com outras, a constante que promete desenvolver-se: necessidade de o homem sente de saber, de prever, de explicar, de dominar o mundo (e o espaço) que o rodeia.

OS ANOS 70 - UM POR UM

1972

— Em Fevereiro, o Presidente Nixon encontra-se, em Pequim, com Mao Tse-Tung.

— Em Portugal, no mês de Março, Américo Tomás é «reeleito» para um terceiro mandato de 7 anos (que afinal só viria a durar dois...).

— No Irão em Abril, um terramoto mata cinco mil pessoas.

— Em Maio, Quang-Tri é a primeira capital provincial do Vietname do Sul a ser conquistada pelo Exército de Libertação do Vietname.

— Também no mesmo mês, um comando japonês mata 25 pessoas e fere 70 no aeroporto de Lod, em Telavive.

— Entretanto, e ainda em Maio, Nixon visita a URSS.

— Foi em Junho de 72 que Andreas Baader e Ulricke Meinhof, leaders do grupo Baader-Meinhof, foram presos pela polícia alemã federal.

— Em Setembro, durante as Olimpíadas de Munique, comandos da organização palestina «Setembro Negro» sequestraram vários membros da delegação israelita matando dois deles que ofereceram resistência. Posteriormente no aeroporto de Munique a intervenção de atiradores especiais leva à morte de vários comandos e reféns.

— Agudiza-se, em Outubro, a escalada reaccionária no Chile: os donos dos camiões fazem greve, paralisando um sector vital para a vida chilena.

— No fim do ano, em Dezembro, um terramoto arrasou Manágua, capital da Nicarágua, causando cerca de cinco mil mortos.

1973

— Logo no primeiro mês, é assassinado, em Conakry, Amílcar Cabral, leader do PAIGC. Pide na jogada...

— Ainda em Janeiro, e nos EUA, começa o processo Watergate, e acabam os bombardeamentos norte-americanos sobre o Vietname.

— No dia 8 do quarto mês do ano morre Pablo Picasso. A obra ficou.

— Em Junho, Leonid Brejnev visita os Estados Unidos.

— Em Junho, morre Walter Ulbricht, antigo dirigente do Estado da R. D. A.

— É neste mês que o «Times» revela, por intermédio do Padre Hastings, os massacres do exército colonial português em Wyriamu (Moçambique).

— Setembro é um mês cheio: assim, enquanto na Argentina Juan Peron é eleito Presidente, perto, no Chile, no dia 11, um golpe de estado derruba o governo de Salvador Allende que é assassinado no palácio de La Moneda. Entretanto a Guiné-Bissau proclama a sua independência; 60 países reconhecem o novo País que é admitido na O.N.U. A 23 deste mês, com 69 anos, morre Pablo Neruda.

— Em Outubro, por cá, realizam-se as últimas «eleições» do fascismo.

É também neste mês que Kissinger recebe o Nobel da Paz. A 22 deste mês, com 96 anos, morre o terceiro Pablo famoso no mesmo ano — Pablo Casals.

— Em Novembro, Kissinger, o «pacífico» galardoado, visita o Egipto. Sadat começa a virar o tema.

— No 1.º de Dezembro morre Ben Gurion, fundador do Estado de Israel.

— A 20 deste mês, morre Carrero Blanco, primeiro-ministro espanhol, quando o automóvel em que seguia foi alvo de uma explosão de uma bomba de grande potência. Esta acção foi reivindicada pela ETA.

(continua)

RAICA

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

Pronto a Vestir Homem e Senhora

Rua 62 n.º 101 — Telef. 922896

ESPINHO

Excursões Inverno-80

CARNAVAL NO ALGARVE — 4 dias — 16 a 19 de Fevereiro
AMENDOEIRAS NO DOURO — 2 dias
1 a 2 de Março, 15 a 16 de Março, 22 e 23 de Março
SERRA DA ESTRELA

27 de Janeiro, 10 e 24 de Fevereiro, 9 e 23 de Março
FÁTIMA E GRUTAS — 17 de Fevereiro, 2, 16 e 30 de Março
MIMOSAS EM FLOR (V. CASTELO) — 17 e 24 de Fevereiro
TUY E VIGO — A partir de 14 Fevereiro, quintas e sábados
SEMANA SANTA EM SEVILHA — 1 a 5 de Abril
CORUNHA (ESPANHA) — 3 dias — 25 a 27 de Abril
Excursões diárias. Partidas todos os dias excepto domingos, de Espinho e Aveiro às 7,30 horas e de Lisboa às 17,30 horas. (Aos sábados às 14,30 horas).

PASSAGENS DE AVIÃO + COMBOIO,
AUTOCARRO e NAVIO

SALÕES E FEIRAS INTERNACIONAIS — PASSAPORTES

CONCORDE — Agência de Viagens

AVEIRO — Avenida Dr. L. Peixinho, 233 — Tel. 28228/9
AGUEDA — Rua F. Caldeira, 39 — Tels. 62612/62353
ESPINHO — Rua 12 n.º 628 — Tels. 921941/921285
ILHAVO — P. da República, 5-7 — Tels. 22433/25620
PORTOMAR - MIRA — R. Comb. G. Guerra — Tel. 45127

DESPORTO NOS ANOS 70

— uma parte do quotidiano

Fenómeno do séc. XX, por excelência, o desporto percorreu nestes últimos dez anos grandes passos no sentido da sua aceitação universal como parte integrante do quotidiano do homem desta época. E não só como parte indispensável da formação do indivíduo, não apenas como o espectáculo que mais gente mobiliza, mas sobretudo como uma expressão de vitalidade (ou debilidade) de cada organização social, país, cidade ou bairro.

Em todos estes aspectos houve progressos sensíveis e a todos eles não deixa de estar ligado o grande desenvolvimento dos meios de comunicação e do seu serviço ao desporto. Os praticantes são cada vez mais, quer por esse impacto que lhes transmite a informação, quer pela atenção que os governos vão mostrando à formação e massificação desportiva, assumindo as suas responsabilidades para com o bem-estar dos cidadãos e (ou) procurando retirar desse investimento uma imagem positiva das suas «fórmulas» aos olhos do resto do mundo. Daí, e porque todos sentem a necessidade de mostrar o seu trabalho, de o divul-

PORTUGAL E TRÊS MEDALHAS

Sendo obrigatório falar-se do 25 de Abril, sempre que se fala dos anos setenta em Portugal, a verdade é que a revolução dos cravos se fez sentir menos nas super-estruturas do desporto nacional do que na sensibilidade das populações para a necessidade da prática desportiva. As indecisões e conflitos quanto às grandes directrizes da vida portuguesa adiaram a necessária reformulação estrutural do desporto, que neste aspecto nunca chegou a ser atingido de modo eficaz. Certo é que se moralizaram situações se fizeram esforços de massificação, se deu um empurrãozinho na criação de novas instalações, mas o mais significativo foi o modo como as populações, os clubes populares, se apropriaram do desporto, sobretudo o atletismo, uma modalidade que teve a seu favor os êxitos de Carlos Lopes e a escassez de meios materiais necessários para a sua prática.

De um modo geral, as modalidades desportivas cresceram na extensão dos praticantes (e estamos a lembrar também da natação), mas poucas delas recolheram os benefícios que o atletismo tirou dos êxitos a nível internacional.

ESPINHO DE PRIMEIRA

Os anos setenta são a afirmação definitiva de Espinho como um dos maiores centros desportivos do País, o ponto de não haver, para além dos centros urbanos de Lisboa, Porto e Coimbra, qualquer outro que o ultrapasse claramente no número de desportistas praticantes e de modalidades em actividade.

Esta realidade corresponde naturalmente à evolução da cidade como centro urbano e turístico e, sobretudo, a uma assinalável capacidade de organização e mobilização dos dois clubes mais representativos, o Sp. Espinho e a Académica de Espinho. Algumas dificuldades houve a ultrapassar e uma delas foi a da dependência em relação a Aveiro de algumas modalidades que neste distrito não encontravam o estímulo competitivo necessário ao seu desenvolvimento. A AAE foi pioneira nesta luta, conseguindo em 72 que o seu hóquei em patins ficasse ligado ao Porto, e o mesmo caminho veio

Na verdade, para além da medalha de Carlos Lopes, da menos celebrada medalha de António Marques no tiro, e dos feitos do eterno Joaquim Agostinho, a década não foi brilhante em termos de êxitos internacionais. O futebol, assistindo à decadência de Eusébio, não conseguiu repetir, nem de longe, as proezas do Benfica e da selecção de 66, e até o hóquei em patins, em que detínhamos uma certa hegemonia, deixou de nos habituar aos grandes triunfos nos últimos anos. A última vitória no Mundial foi em 74, o Europeu perdeu-se em 79, e os triunfos europeus do Sporting e Oeiras não chegaram para evitar uma clara sensação de desencanto.

Pouco há a registar para além disto, a não ser algumas boas marcas de fundistas portugueses, com António Leitão a ganhar uma medalha de bronze nos Europeus de Atletismo, um certo progresso, relativo, na natação e a passagem de Portugal à fase B do Mundial de Andebol de 1978, o que aconteceu pela primeira vez. Muito pouco, com efeito, em relação às expectativas com que o desporto português iniciou os anos setenta.

a ser seguido pelo SCE no andebol, com o êxito que agora se observa.

Outras deficiências permanecem contudo. A mais notada continua a ser a da demasiada centralização da actividade desportiva na sede do concelho, com prejuízo das freguesias, e das instalações que, apesar de serem quase em número privilegiado, se tornam insuficientes para as necessidades actuais. Neste campo, a carência mais sentida é a de um estádio de futebol com uma pista de atletismo, instalações que o desenvolvimento destas duas modalidades justificam amplamente.

Assim, o futebol do Sp. Espinho passou a navegar noutras águas, mormente no que respeita à sua equipa principal, que deixou de se satisfazer com a permanência pacífica na II Divisão para passar a disputar com argumentos válidos um lugar de direito na I Divisão Na-

continua na página 6

gar e sensibilizar as massas para a sua prática, os espectáculos desportivos de alta competição multiplicam-se, desdobram-se, e as grandes figuras do desporto internacional tornam-se familiares, pela frequência com que as vemos. Já não só as Olimpíadas, mas também os Campeonatos do Mundo, as Taças do Mundo (que embora parecidos não são bem a mesma coisa...), os Campeonatos Europeus e as Taças da Europa, os jogos Pan-Americanos, Pan-Africanos, Asiáticos, os encontros entre selecções, as «reuniões» de atletismo, de natação, etc.

Mas nem por isso as Olimpíadas se perdem no meio de tantas organizações. Pelo contrário, crescem em interesses, em motivação, em dimensão (há já quem preveja que o seu «gigantismo» levará à sua destruição...), e só, de muito longe, o Campeonato do Mundo de Futebol lhes copia o interesse mundial e a mobilização de meios. E o «ideal olímpico» vai-se desvanecendo, já ninguém finge acreditar no «amadorismo olímpico» que inspirou Pierre de Coubertin...



O atletismo foi a modalidade que em Portugal conheceu um maior impulso.

ATLETISMO NATAÇÃO GINÁSTICA

URSS, EUA E... RDA

Sob o signo do M (Munique e Montreal, depois do México e antes de Moscovo), os Jogos Olímpicos dos anos setenta trouxeram para a ribalta do desporto mundial um pequeno país, que teve a ousadia de se colocar entre os colossos URSS e EUA. Com apenas 17 milhões de habitantes, a República Democrática Alemã conseguiu em Munique aproximar-se daquelas duas grandes forças e, em Montreal, a

proeza impensável de relegar os americanos para o terceiro lugar em medalhas conquistadas. Assinalável foi também a afirmação de Cuba (nos dois Jogos Olímpicos mais medalhas que todos os outros países da América Latina juntos), bem como um certo declínio dos tradicionalmente fortes Japão, Austrália e Grã-Bretanha. A política interferiu nos Jogos, ou não fossem eles também o repositório dos argumentos das diferentes organizações sociais. A África do Sul foi a primeira a pagar a sua política de «apartheid», logo em

1970, com a sua exclusão pelo Comité Olímpico Internacional. Munique foi palco de acontecimentos sangrentos com a acção de retaliação de comandos palestinos em relação a Israel, e Montreal foi assinalada pela ausência de vários países africanos, protestando contra a presença da Nova Zelândia que mantivera relações desportivas com a África do Sul.

Apesar de tudo isso, as Olimpíadas andaram em frente e criaram os seus «ídolos», nomeadamente nas modalidades mais queridas: o atletismo, a natação e a ginástica.

ATLETISMO

4 RECORDS RESISTIRAM !

de desagrado dos americanos que não puderam utilizar as suas varas. Estas interrupções continuariam ainda em 76, com Quarry, da Jamaica, Crawford, da Trinidad, e Kozakievicz, da Polónia, a vencerem os 100, 200 e 400 metros, respectivamente. A RDA passou a dominar o sector feminino, mas a grande figura do atletismo da década foi o controverso finlandês Las-

se Viren, que nos dois Jogos levou as medalhas de ouro dos 5.000m e 10.000m. Relevo individual vai ainda para Saneiev, do URSS, que completou em Montreal a sua terceira vitória consecutiva no triplo salto, o cubano Juantorena, que em 76 conseguiu a proeza inédita de vencer os 400 m e os 800 m,

continua na página 6



FUTEBOL

Com a conquista do «tri», no México, em 1970, o Brasil e o futebol mundial assistiram à última grande intervenção do que foi o «rei» dos anos sessenta, Pelé. Desde então, o seu substituto não apareceu, sobretudo porque o holandês Cruyff não quis estar na Argentina para buscar para si a consagração final do melhor futebolista dos últimos anos e para o seu país o título mundial que bem merecia.

Na verdade, a Holanda bem se pode classificar como a grande revelação do futebol dos anos 70, como o atestam os dois títulos de vice-campeã (cedidos perante a RFA e Argentina que jogaram «em casa» e não se mostraram superiores), e os títulos europeus do Feijenoord, e depois, três consecutivos, desse fabuloso Ajax, o tal do «futebol do ano 2000». Três títulos europeus também teve o Bayern de Munique, mas sem convencer como os holandeses e com muita sorte e arbitragem à mistura. Ao «ciclo-Ajax» e ao «ciclo-Bayern», sucedeu-se o «ciclo-ingles», com dois títulos para o «cilindro» de Liverpool, um para o Nottingham e duas «bolas de ouro» para Kevin Keegan.

Enquanto a selecção inglesa entrava num eclipse, de que agora parece sair, a RFA teve o seu período de ouro, com a conquista do

continua na página 6

ESPINHO

NOS ANOS SETENTA

de afirmação do modo de vida de uma pequena e média burguesia que assentaram arraiais e atraíram para a sua órbita de comportamento e hábitos outros sectores a quem as novas possibilidades de acesso e bens de consumo alvorocaram. Foi o aumento do número de cafés e restaurantes, foi a multiplicação de lugares de consumo de todo o tipo, o aparecimento dos primeiros supermercados, a descoberta das «boutiques» e dos «bottiers». Entretanto, as livrarias não aumentaram, as casas de espectáculos diminuíram, as farmácias permanecem as mesmas, nos mesmos sítios. Para os jovens, que as apreciavam, apareceram discotecas várias e foram desaparecendo os lugares onde podiam dar o chute na bola sem preocupações. As

crianças, se viram alguns passeios cimentados e, quase a terminar a década, um ano de muitas promessas que já lá vão, sentiram também que o trânsito cresceu, que é mais difícil andar nas ruas e que jardins - infantis - lugares - de - refúgio só nos planos. Os mais velhos, que tão discutida viram a sua delicada situação de elementos da Terceira Idade, continuam ainda à espera do Centro de Dia e Lar, mas parece que já faltou mais.

E, afinal, os anos setenta até parecia irem dar largos frutos. Com um seu «filho dilecto» investido em altas funções governativas, com um importante industrial em lugar de destaque na edilidade local, com a publicação em Diário do Governo da passagem à cate-

continuação da página 1

goria de cidade, parecia que «ninguém ia aguentar» Espinho. A criação da Comarca, em Maio de 1973, velha aspiração finalmente realizada, a automatização dos serviços telefónicos no mesmo ano e a adjudicação, por pouco menos de trinta mil contos, do novo edifício do liceu, foram outros sinais de mudança, ainda que um tanto a reboque da necessidade de garantir bons resultados para a «situação», nas eleições que se realizariam em Outubro. E logo em Janeiro de 74 se apresava o «venerando chefe de Estado» a vir colher alguns dos dividendos de tanto carinho dispensado a Espinho e era crismado de primeiro «cidadão honorário».

E VEIO ABRIL

Mas pouco tempo teve para trazer a medalha ao peito, porque meses depois foi a festa que todos sabemos. E Espinho em peso lá esteve defronte da Câmara, logo no dia 28 desse mês a dar vivas e a ouvir novas vozes, ainda que as do antigamente tentassem num golpe de rins apreciável garantir a sua «profunda adesão» aos novos princípios que cresciam. Em 29 de Maio o Movimento Democrático local organizava o primeiro comício na cidade, em 20 de Junho era a vez da nova Comissão Administrativa da Câmara, dois dias depois o PS abria a sua sede local e no último dia do mês era o espanto máximo com o PC a desfaldar a bandeira no seu Centro de Trabalho.

Entretanto, a passagem para peões sob a linha férrea ia a-

vançando e dava novo colorido ao centro da cidade, a feira abria-nos a boca de espanto a ver onde aquilo ia parar, sempre a crescer, novas plantações de árvores e cimentação de canteiros eram a certeza de que os responsáveis estavam atentos ao fenómeno, e hoje já não tem mais por onde se estender. Precisamente lá para sul, para os lados do hospital, ia tomando forma um edifício que levou o seu tempo, atravessou todo um processo complicado, mas no último dos anos que ainda levou o sete nas dezenas lá começou a acolher parte das 150 crianças para que reúne condições. E enquanto os mais miúdos iam aguardando que além do infante algumas escolas primárias ficassem prontas, os pais não perdiam tempo: nas escolas, so-

bretudo nas primárias, criaram activas comissões que muito trabalho foram realizando enquanto os novos tempos as não liquidaram, nas zonas mais carecidas juntaram-se e apareceram associações de moradores (há, das melhores coisas destes inesquecíveis anos setenta foi ver tantos senhores regalados nas suas casas alcatifadas e espaçosas e tão, tão preocupados em «criar» comissões de moradores!...), na Corfi quiseram saber como era, na Vigorosa e na Paramense mostraram como ia ser, na Papéis Vouga disseram o que queriam até serem traídos, nos sindicatos começaram a dizer «camarada» sem corar. Hoje eles e os filhos, todos mais crescidos e experientes, aí estão para contar o que vão ser os anos que já começaram.

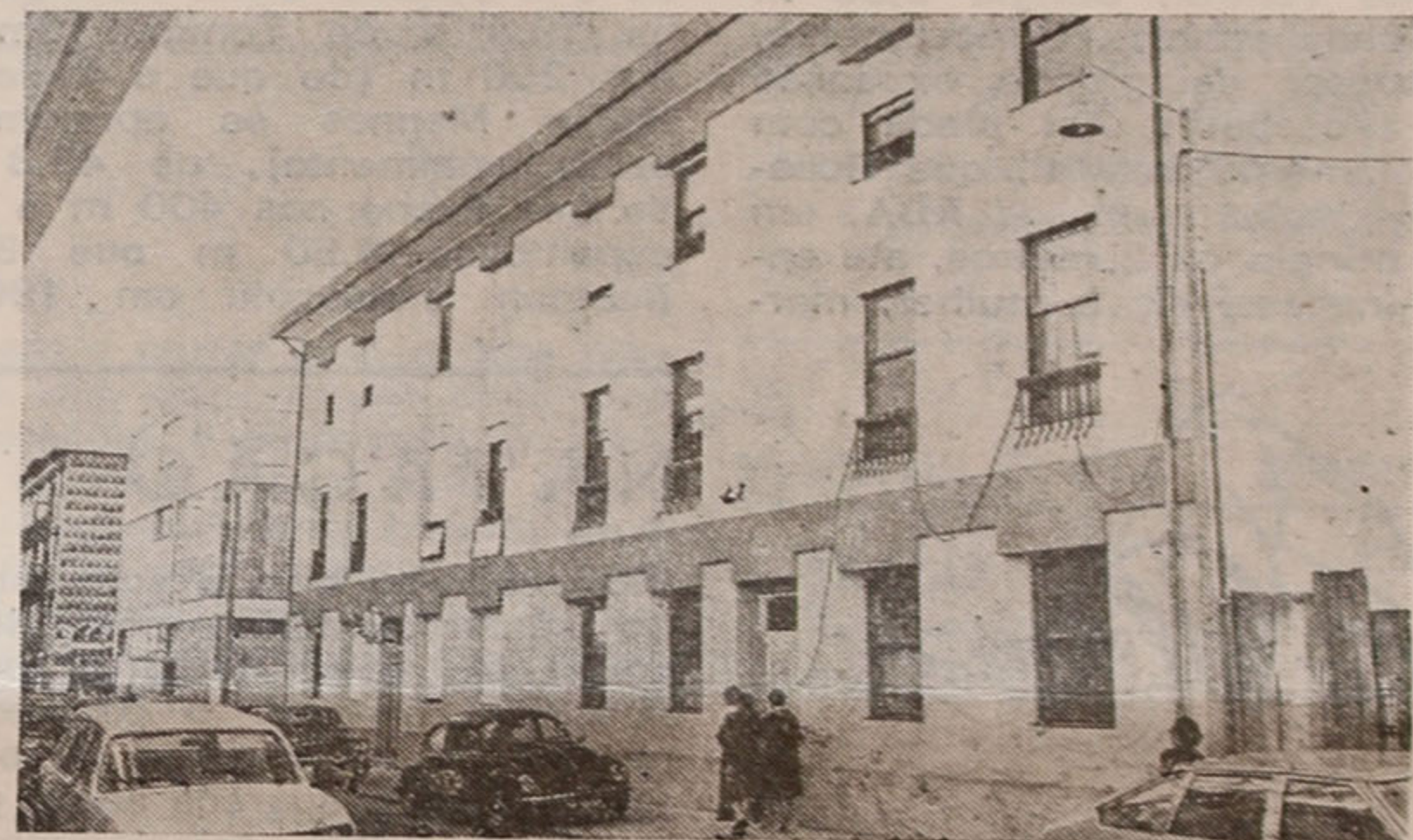
A CP. AS MEDALHAS E OUTRAS MARAVILHAS

É claro que nestes quase dez anos muitas coisas mais ou menos ridículas, mais ou menos graves foram acontecendo, servindo umas vezes para gozo do espinhense que assim sempre tinha de que falar, mostrando outras as reais mentalidades e convicções de muito cidadão «acima de toda a suspeita». Em relance, e sem tudo referir, parece-nos que um dos temas da década foi o longo contencioso existente com a CP, a propósito de tudo e de nada, desde o apreço mau serviço aos passageiros até à exigência da demolição de casotas e casotinhas (tema de fundo em grande número de editoriais da DE de outras eras), não esquecendo, evidentemente, os problemas com as passagens de nível, ao que se cre finalmente em vias de solução.

Mas escândalo, escândalo, a merecer destaque e

para nunca mais arrancar. A única explicação que encontramos é que seja uma nova forma de promover o turismo, deixando-a a apodrecer um pouco mais até chegar a altura em que possa ser publicitada como ruínas de uma antiga civilização de espinhenses extra-terrestres.

Ainda no domínio de um certo anedotário local, poderíamos referir a promessa, que não se concretizou, de que Espinho iria ter a primeira cidade do «Far-West» em terra lusa, a continuação das tradições políticas de filhos de Espinho, desta feita uma senhora que depois de ter sido servidora da censura no antigamente passou a prestar por certo também óptimos serviços numa qualquer Secretaria de Estado, a concessão do título de «cidadão honorário» ao inefável venerando Tomás, e, em maré de títulos, mas anos depois e em cir-



As casas da Caixa permanecem vazias, num insulto às necessidades no campo da habitação.

caixa alta é o caso das famigeradas «casas da Caixa», que têm ocupado regularmente as páginas dos jornais locais, à falta de quem as ocupe a elas que estão prontas e por habitar há anos, num concelho onde se estima em mais de 3.000 o défice de habitações. Mas nem por aquele edifício ser mais óbvio, escapa ao cidadão atento o estranho caso daquela habitação-enigma semi-construída ali na rua 8, e que desde o 25 de Abril parou a meio da construção

constâncias bem diferentes, com Mário Soares a dar o tom, a entrega da cômenda de uma qualquer ordem a Manuel Violas. E como atrás de um assunto outro vem, não se termine sem lembrar que foi também nos anos setenta que Espinho viu a Solverde alcançá-lo a um lugar sem paralelo desde que há memória humana nesta terra aberta ao vento.

Mas os próximos dez anos vão também ser férteis. Vá anotando a sua agenda e lá para 1990 falaremos.


— UNS DESTROEM, OUTROS CONTROEM —

Mas houve mais coisas, tantas coisas. Algumas que já vinham de tempos mais antigos, como a Secção Cultural da Académica, que realizara nos primeiros anos da década um interessante conjunto de colóquios e a partir de 73 assentava arraiais entre a juventude local, com actividades regulares e que desenvolveu entre outros um importante e pioneiro trabalho virado para as crianças. Foi crescendo e alargando a sua acção que, pelos vistos, começou a incomodar tanto que quando o momento chegou não lhe perdoaram e foi mesmo mandada para as urtigas. Só que nestas coisas da cultura há quem seja mesmo um ferrinho e entretanto tinha já aparecido a grande revelação da Nascente que depressa

desenvolveu notavelmente as suas actividades e até se deu ao luxo de oferecer à cidade uma das poucas manifestações de atracção internacional que cá se realizam regularmente. Ainda neste domínio da acção cultural, registre-se a existência

efémera e pouco significativa de uma Casa da Cultura e o ressurgimento do Orfeão, infelizmente ainda não totalmente conseguido dado o pouco trabalho desenvolvido.

continua na página 8



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus
Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

TEL. 923266

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) — ESPINHO

Uma casa especializada em flos de tricot e Industrials

Boalã

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 ESPINHO
(entre as Rues 21 e 23)

Descontos especiais para tricoteiras

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390
TELEF. 920452

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca
de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

ESPINHO DE PRIMEIRA

continuação da página 4

cional. As três subidas do SCE à I Divisão (74, 77 e 79), e nomeadamente a de 74, porque a primeira, ficaram a constituir os acontecimentos desportivos, mais importantes da década desportiva local, e isto porque a medalha de bronze de Leitão nos Europeus de atletismo, embora de enorme significado, não teve ainda o impacto que o futebol detém junto dos espi-

nhenses.

O desporto espinhense recolheu outros êxitos, e o menor não foi o da conquista do Nacional de Juniores por uma equipa de hóquei em patins, que, nos anos 80, poderá guindar a AAE para o lugar que o clube vem perseguindo no galárim do hóquei nacional. Mas desses outros aspectos falamos na abordagem mais pormenorizada de cada modalidade.

Deixe-se entretanto aqui uma palavra de optimismo em relação ao entusiasmo com que o atletismo vem sendo encarado por tanta gente que nele mais não procura do que a prática salutar de uma actividade desportiva acessível. Daqui o atletismo espinhense poderá recolher grandes frutos, se para tal se derem condições.

Olimpíadas — Atletismo

continuação da página 4

e de Renate Stecher, da RDA, que também bisou os 100 m os 200 m, em Munique.

No entanto, o atletismo não viveu apenas das Olimpíadas. Outros nomes se distinguiram nos intervalos. Assim, e com a expansão «Fosbury Flop», com que Dave Fosbury espantou o mundo no México, em 1968, foi possível em 1977 que Pat Matzdorf, dos EUA, pulasse 2,29m, ultrapassando os 2,28m de Valery Brumel, que subsistiam desde 1963! Dwight Stones subiu em 73 para 2,30 m e deu lugar ao soviético Yashchenko que, utilizando o rolamento ventral, atingiu 2,35 m em pista coberta. Curiosamente, e apesar da grande expansão do «Fosbury», foi ainda com o rolamento ventral, que Rosemarie Ackermann, da RDA, em 78, atingiu os 2 metros, até então inacessíveis à mulher, mar-

ca que haveria de ser ultrapassada em 1 cm pela italiana Sara Simeoni.

O aparecimento dos africanos foi também uma realidade, mormente com o fenomenal queniano Henry Rono, que em 1978 bateu e ainda mantém os «records» mundiais dos 10.000 5.000, 3.000 e 3.000 m obstáculos.

Quanto records resistiram entretanto aos anos 70: os 9,9 s dos 100 m de Jim Hines, Charles Green e Ray Smith, conseguidos em 1968 e depois igualado pelos também americanos Steve Riddick, Dave Glange e o cubano Sílvio Leonardo, os 19,8 s de Tommie Smith nos 200 m (de que o italiano Pietro Mennea se aproximou sensacionalmente), os 43,8 s de Lee Evans nos 400 m e os espantosos 8,90 m que Bob Beamon conseguiu em 1968,

no México, no salto em comprimento.

O ano de 1979 revelou ainda duas grandes figuras: o inglês Sebastian Coe, que bateu os «records» mundiais dos 800, 1.500 m e milha, e Maria Koch, da RDA, detentora dos records dos 200 e 400 m e que recentemente bateu os 100 m em pista coberta.

Do atletismo nacional, apenas as corridas de fundo se aproximaram da alta competição internacional, pois em todas as outras disciplinas os anos setenta só serviram para cavar o fosso que já vinha dos outros anos. A medalha de prata de Lopes em Montreal, a sua vitória num «Cross das Nações», o título europeu do Sporting e a medalha de bronze de Leitão na Polónia, foram os únicos aspectos assinaláveis destes 10 anos.



Voltando às Olimpíadas, passemos à nataçãõ, para falar necessariamente do americano Mark Spitz, que conseguiu 7 medalhas de ouro em Munique, e da australiana Shane Gould, que conseguiu 3 de ouro e 1 de bronze e que em 1971 chegou a ter em seu poder os records mundiais dos 100, 200, 400, 800 e 1.500 metros livres.



Olga Korbut, da URSS, e sobretudo Nadia Commaneci, da Roménia, dominaram a gi-

NATAÇÃO

Montreal assinalou a subtracção do sector feminino pela RDA aos EUA, que entretanto continuam a dominar o panorama mundial. A contestação no sector masculino aparece agora por parte da URSS, principalmente por Salnikov, que dos 400 aos 1.500 m domina o estilo livre.

Em Montreal, quebrou-se o reinado de Roland Mathes, da RDA, nas provas de costas, e apareceu Kornelia Ender, também da RDA, como figura principal. A queda dos australianos acentuou-se, ao mesmo tempo que a cronometragem electrónica (que aqui, como no atle-

tismo, se tornou indispensável) dava ao americano Montgomery a queda da barreira dos segundos 100 metros livres por um centésimo de segundo: 49,99 s. Aliás, poucos «records» mundiais resistiram mais do que dois anos.

Enquanto em Espinho a modalidade continuou sem raízes competitivas, em Portugal houve um aumento assinalável de praticantes, a que corresponderam bons progressos (mas não espectaculares) em resultados de certo nível internacional, nomeadamente de Rui Abreu e de Paulo Frischknecht.

GINÁSTICA

nástica desportiva em Munique e em Montreal, respectivamente, correspondendo a um maior impacto no sector feminino, onde a evolução técnica foi mais assinalável. Aqui dominou a URSS, que teve em Tourischeva a ginasta mais popular, enquanto que no sector masculino a vantagem do Japão foi, em

1979, posta em causa pela vitória da URSS, quer colectiva quer individualmente (Detiatin), nos últimos campeonatos do mundo. Aliás já Andrianov, em Montreal, venceu o combinado e em alguns aparelhos.

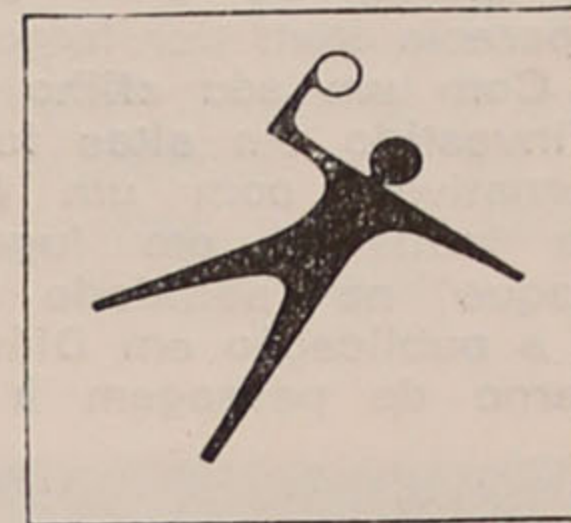
A nível nacional, pouco mais se poderá falar do que de estagnação.

FUTEBOL

continuação da página 4

mundial, os sucessos do Bayern e, em 72, do Campeonato Europeu para seleções. Este último haveria de o perder para a Checoslováquia, em 1976, surpresa que em 1979 teve correspondência no Campeonato idêntico na América do Sul, ganho pelo Paraguai, em detrimento do Brasil e dos campeões do mundo da Argentina. A mesma Argentina, cuja vitória contestada no Mundial de 78 haveria de ser sucedida com idêntica proeza no Mundial de Juniores, Veremos até que ponto Maradona (o Pelé) branco, segundo dizem) e os seus pares são capazes de confirmar este súbito ressurgimento do «futebol dos pampas».

Entre nós também houve um ciclo, o do Benfica, que



Deixem-nos começar cá pela terra, porque foi notável: remetido para os campeonatos de Aveiro, onde não havia ninguém para se competir, o SCE tomou a decisão de se inscrever na Associação do Porto, aproveitando o precedente criado pelo hóquei em patins da AAE. Começou quase do zero, na III Divisão Regional e conseguiu fazer só isto: ganhar a III Divisão, ganhar a II, ganhar a I e instalar-se de «pedra e cal» na I Nacional, tudo em épocas sucessivas. E a acompanhar

já vinha de trás, a que se sucedeu o reaparecimento F. C. Porto na conquista dos nacionais e que promete ter sequência. A nível internacional, quer de clubes, quer de seleções, fala-se ainda dos «Magriços» de 1966 e de Eusébio, que foi acabar os seus dias nas Américas, onde o «futebol-circo», mais circo do que futebol, já assentou raízes. Os desaires sucessivos conduziram à descoberta feita recentemente e que bem se pode considerar como a descoberta da década: «faltam 30 metros ao futebol português».

Em Espinho, o futebol subiu muitos furos: não só pelas três subidas ao escalão superior (à terceira será de vez?), mas pelo regresso das classes jovens do SCE aos títulos regionais e às boas classificações nacionais.

ANDEBOL

esta «cavalgada», houve uma grande animação nas classes jovens e femininas. Notável mesmo.

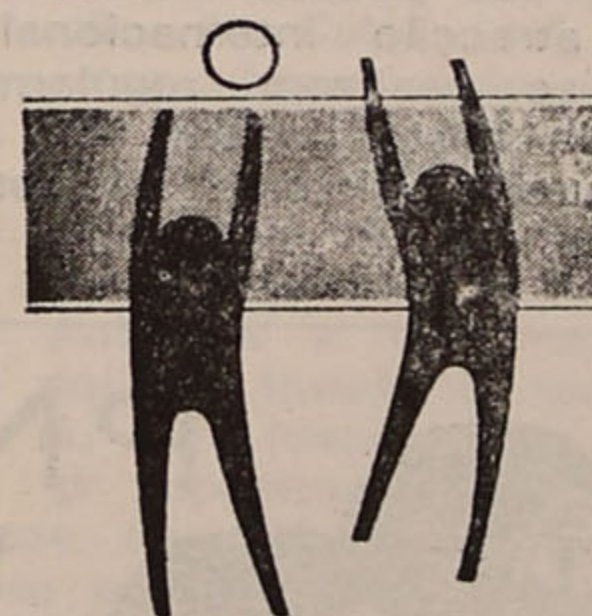
A nível nacional, para além do domínio do Sporting e Belenenses, o destaque vai para a vitória no grupo C do Mundial de 78, facto que aconteceu pela primeira vez e coloca Portugal na II Divisão do andebol europeu.

Andebol europeu que é quase o mesmo que andebol mundial, dada a preponderância das seleções europeias nesta modalidade. Quanto a campeonatos do mundo tivemos a Roménia em 70 e 74, a intrusão da RFA em 78 no domínio dos países socialistas, e nas Olimpíadas a Jugoslávia em 72 a URSS em 76.

BASQUETEBOL

Com a falência da ténue tentativa feita na AAE de instalar o basquetebol em Espinho, em Portugal houve um certo esforço de mobilização dos jovens, mas a opção mais nítida da década foi a importação de americanos, que se tornaram indispensáveis às ambições de títulos nacionais. Benfica, Sporting, Porto e Ginásio Figueirense dividiram-nos, mas disso o basquetebol português não recolheu grandes frutos, mantendo-se na cauda da Europa. A nível inter-

nacional, a superioridade americana no sector masculino, incontestada, sofreu uma interrupção com a célebre final de Munique, em que os soviéticos conseguiram o «cesto» da vitória a 1 segundo do fim. Os títulos mundiais (os EUA não apostam nisto) e europeus dividiram-nos a Jugoslávia e a URSS. No sector feminino, a URSS ganhou tudo, com a excepção do último campeonato do mundo disputado na Coreia do Sul e em que a ausência dos países socialistas deu a vitória aos EUA.



VOLEIBOL

1974 e 1978, altura em que o Japão ficou num sensacional 10.º lugar.

Aliás, foi no voleibol que Espinho disfrutou da competição de mais alto nível, com a realização em Agosto passado, dos Campeonatos Europeus de Juniores Masculinos. A par deste acontecimento, é de registar o excelente trabalho que o SCE vem desenvolvendo nas classes jovens e que o poderá fazer voltar aos tempos áureos de 57 a 65, período em que a sua equipa principal conquistou 5 títulos nacionais, acompanhada algumas vezes pelos juniores e femininos. A nível nacional, e apesar de terreno recuperado nos últimos anos, a década foi infelizmente de regressão para o voleibol português.

OUTRAS MODALIDADES (pág. 7)

VISTA OS SEUS FILHOS
NA
BOUTIQUE MI
Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

 **Pa'velha**
Confeitaria
Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca
Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

Pinto de Matos
ESPECIALISTA
Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações
REUMATOLOGIA
Rua 19 n.º 364 - 1.º - Telef. 921218
ESPINHO

Talho e Charcutaria CENTRAL
Servir bem — Boas carnes
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

STAND SERZEDENSE
António Martins da Silva
Assistência Total
Agente: SACHS SIS — EFS
Tel. 9820675 — SERZEDO
V N DE GAIA

ANOS SETENTA AS OUTRAS MODALIDADES

O HÓQUEI EM PATINS, que ainda não foi modalidade olímpica, teve ainda alguns êxitos (mundial de 74, europeu de 78, Sporting e Oeiras nos clubes), mas a regularidade começa a perder-se, com vantagem para a Espanha e a Argentina, que no seu país ganhou o seu primeiro título mundial. A nível local, o panorama é mais animador, dado o trabalho das escolas da AAE que já forjaram uma equipa de juniores campeã nacional, com um internacional A (Victor Hugo) e grande esperança do hóquei espinhense e nacional, e asseguraram uma série impressionante de títulos regionais nas classes mais jovens. Nos seniores não se passou o mesmo, apesar de um outro resultado espectacular. Futuro promissor para o hóquei local e não tão promissor para o nacional, onde Livramento já não é o que era e Adrião já nem sequer é.

Nos outros hóqueis, o EM CAMPO tem tido em Espinho uma presença regular e estática da AAE que não tem campo, nem para treinar, e a nível nacional o Ramaldense e o Porto vão ditando leis. Internacionalmente, o Paquistão é campeão do mundo, é campeão olímpico, e não gostou nada do árbitro que em Munique deu a vitória à RFA. No DE GELO, que não há cá, a URSS ganha que se farta e só a Checoslováquia lhe consegue de vez em quando pregar uma partida que provoca festa nacional.

O CICLISMO foi Eddy Merckx internacionalmente, e Agostinho para os portugueses. O belga retirou-se, mas Hinault não parece capaz de lhe copiar o ritmo das proezas. Quanto ao homem de Brejenjas, é mesmo um «caso da natureza» e não parece que os seus dois terceiros lugares no Tour possam, nos tempos mais próximos, ter alguém à altura entre os agora «amadores» que cá fazem as nossas voltas.

No rãguebi, foi-se jogando o que se podia (e foi pouco) a nível nacional, sem grandes voos lá fora, onde por sinal não há campeonato do mundo. O torneio das 5 nações (com sucessivas vitórias do País de Gales) e as digressões da poderosíssima Nova Zelândia (os «All Blacks») marcaram uma década de pouca expansão desta modalidade.

No TÊNIS, a Vaz Pinto sucedeu Vilela no comando das actividades em Portugal, porquanto lá fora o sueco Bjorn Borg aparece como um «super-desportista» da década, remetendo para a conformação a Austrália e os Estados Unidos que dominavam como quiseram até 76. No sector feminino, o reinado foi da americana Chris Evert que apareceu, com 15 anos, em 71, na ribalta do ténis e não mais a deixou.

O TÊNIS DE MESA, diplomaticamente usado para o início das relações EUA-China, teve uma única surpresa ao domínio dos chineses, japoneses, coreanos e húngaros: a vitória individual do sueco Bengtsson nos mundiais de 71 e 72. Por cá, foi Palmeiras, Sporting, Palmeiras, etc.

No PUGILISMO, ou boxe, como quiserem, houve vários «combates do século» em que intervinha invariavelmente o super-campeão Cassius Clay, também conhecido por Mohamad Ali. Foi o primeiro a recuperar por duas vezes o ceptro mundial dos pesados, mas neste domínio o aparecimento do cubano Stevesson, bi-campeão mundial e olímpico, fez desejar um combate «histórico» com Ali que não se chegou a realizar. Foi uma década em que os EUA e Cuba socaram mais forte, e em que o box profissional sofreu contestação crescente em função no número assustador de mortes no ringue.

Muitas mortes houve também no AUTOMOBILISMO, em Fórmula 1, (MacLaren, Cevert, Rindt, Williamson, Revson, Donohue, Peterson, etc.), a retirada do tri-campeão Stewart, do bi-campeão Lauda e as duas vitórias de Fittipaldi, assinalaram anos de muita velocidade, apesar da crise do petróleo. Por cá, foi o Rally Portugal que se instalou como uma prova muito importante, seguida de longe por Vila de Conde e Vila Real que conheceram alguns hiatos.

Falta ainda o XADREZ, que finalmente passou para as páginas dos jornais pela mão de Fischer, que derrotou Spassky na Islândia, e de Korchnoi que também fez guerra a Karpov, mas sem o mesmo êxito. Por cá, Durão cedeu o lugar a Fernando Silva, e este a Luís Santos, um bom representante do sangue novo que o xadrez teve em Portugal. Sangue novo também corre na AAE, que chegou a ser campeã regional e vice-campeã nacional, para além de outras boas classificações.

E bem, ficamos por aqui. Não vos falamos de tiro ao arco, do outro tiro em que Armando Marques conquistou uma medalha, nem de judo, luta, esgrima ou ski, de que sabemos muito pouco, a não ser que houve Olimpíadas de Inverno em Sapporo e Innsbruck, onde a URSS e a RDA tiraram mais medalhas.

Móia regressou

Castigado pelo clube com 3 meses de suspensão, em face de um sério acto de indisciplina para com o treinador Manuel José, o dianteiro espinhense Móia regressou à equipa principal num jogo disputado no domingo, no campo do Salgueiros, e em que o Sp. Espinho venceu a Sanjoanense por 1-0. Tratava-se de um encontro particular, com vista ao auxílio às vítimas do sismo dos Açores, e Móia não deixou de revelar as suas qualidades de lutador, acusando no entanto a paragem forçada, se bem que, durante este período, tenha treinado regularmente em Lisboa,

por obviamente, o não poder fazer no Avenida.

Espera-se que a forma volte e que, dentro de pouco tempo, Móia possa voltar a dar o seu concurso ao futebol do SCE, como se nada se tivesse passado.

JUNIORES

Belmonte, 1 — SCE, 5

Espectacular, sobretudo pelos golos alcançados (nos 11 jogos anteriores só tinha marcado 3) esta vitória que poderá marcar em definitivo a recuperação desejada.

VOLEIBOL

SENIORES MASCULINOS

S. Mamede, 3 — SCE, 1
Fiães, 3 — AAE, 0
AAE, 3 — C. Carvalhos, 2

JUNIORES MASCULINOS

SCE, 3 — CDUP, 0

JUVENIS MASCULINOS

SCE, 3 — A. Coimbra, 0

AAE, 1 — SCE, 3

INICIADOS MASCULINOS

SCE, 3 — C. Carvalhos, 0

SENIORES FEMININOS

SCE, 3 — Barcelos, 0

Guimarães, 0 — SCE, 3

JUNIORES FEMININOS

CDUP, 3 — AAE, 0

Esmoriz, 3 — AAE, 0

HÓQUEI EM PATINS

JUNIORES

AAE, 2 — Inf. Sagres, 4

Apesar da má condição de Vítor Hugo (adoentado), isso não chega para desculpar a pior exibição da AAE nesta época. Muitos nervos, grande desorientação quando as coisas come-

çaram a correr mal, e uma derrota que compromete parte das aspirações à renovação do título regional. Nada está perdido, mas o infante passou para a frente, com menos dois pontos perdidos que a AAE e melhor «goal-average» nos jogos com a AAE, que lá ganhou por 3-2.

25 ANOS DO CLUBE DE PARAMOS

Diversos actos comemorativos têm assinalado a passagem, no dia 2 de Janeiro, do 25.º aniversário do clube Recreativo e Cultural de Paramos, desde a realização de sessões de canto livre a torneios abertos em diversas modalidades, que vão do ténis de mesa ao atletismo. Este ciclo de comemorações das «bodas de parto» do popular clube paramense terá o seu epílogo, no dia 27, com a realização de um «cross», aberto a todos os atletas, e que percorrerá as principais zonas da freguesia.

ANDEBOL

SENIORES MASCULINOS

SCE, 30 — Padroense, 27

JUVENIS MASCULINOS

Argonautas, 12 — SCE, 22

HÓQUEI EM CAMPO

RESERVAS

Lousada, 0 — AAE, 4

ATLETISMO

António Leitão continua a não desmerecer os seus créditos. Depois do 5.º lugar alcançado num corta-mato na Bélgica, integrou a selecção portuguesa que concorreu ao «cross» de S. Sebastian. Foi 6.º, a pouco tempo de Aniceto Simões e à frente de Rafael Marques, ajudando Portugal a conquistar o 2.º lugar por equipas.

PRECISA - SE

Para trabalhar em Secretaria, com horário de fim de tardes e noites, para uma vaga de secretário-permanente.

Os interessados deverão contactar por carta, para:

Apartado 188 — 4502 ESPINHO Codex enviando informações detalhadas e propostas.

SUPERMERCADO DO LAR

O MELHOR PRONTO A VESTIR PARA O SEU «LAR»

Grande sortido de: ALCATIFAS, PAPEIS DE PAREDE, CANDEIROS DE CRISTAL, COZINHAS POR ELEMENTOS, ARCAS, MAPLES, ESTANTES, PAVIMENTOS IMPORTADOS, TETOS FALSOS, CARPETES, PASSADEIRAS, CORTIÇAS, LAVA, LOUCAS, etc. — Distribuidores das famosas marcas: Alcatifas LIDER, CARLON, CUF, ROBILON, etc. — Papeis VYMURA, PARETA, MAY-FAIR, AZCOAGA, MARBURG, BAMENTAL, F. P. D., etc. e ainda das famosas cozinhas por elementos «SÓNIA».

Rua 62 n.º 227 a 231 — Telef. 922986 — ESPINHO

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telef. 921014
ESPINHO

A MODELAR

Telefone
923068



Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas
de óculos com descontos das
Caixas de Previdência

SNACK - BAR

PRÍNCIPE

RESTAURANTE

Rua 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 922247 — ESPINHO

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.

DOENÇAS DOS OLHOS

ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ
TELEFONE 922470 — ESPINHO

FABRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L. da

Caixas de Cartão Canelado

Papeis - Embalagens - Artes Gráficas

Telef. 9642101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 921810 — ESPINHO

Compra e venda de automóveis novos e usados
totalmente revistos

c/ certificado de garantia

STAND BARROS

de JOAQUIM BARROS DE OLIVEIRA

Rua 24 n.º 205 — Telef. 922582 — Apart. 170 — ESPINHO

MARÉ VIVA

SOLIDARIEDADE, SIM. MAS...

Não é gratuita a afirmação de que o povo português se conhece pela sua sensibilidade para com a dor ou infelicidade do próximo. É algo que se percebe no quotidiano, e resiste, mesmo nos centros urbanos, às exigências de um novo ritmo de vida que não se compadece com os preciosos segundos que se «perdem» no estender de uma mão para aliviar uma dor.

O recente sismo dos Açores provocou, sem surpresas, uma onda espontânea de solidariedade, imediatamente traduzida na oferta de alimentos, roupas e dinheiro, a ponto de a Cruz Vermelha ter de suspender a recepção de géneros e aconselhando as pessoas a optarem pela contribuição monetária. Assim aconteceu e os donativos sucedem-se, as mais variadas organizações, associações, empresas, etc., abriram listas de subscrição, a campanha assumiu quase um carácter de mobilização nacional.

Foi semelhante em proporções o que sucedeu em 1967, quando das catastróficas cheias de Lisboa. A Campanha de solidariedade reuniu alguns milhares de contos, um valor muito apreciável para a época. Mas, então, como agora, e a colecta será desta vez consideravelmente maior, o que representa todo esse capital de solidariedade popular na efectiva resolução dos enormes problemas surgidos? O que representaram as subscrições abertas quando de outros acidentes naturais?

A resposta é evidente e algo cruel: muito pouco em relação aos milhões de contos necessários. Isto não significa evidentemente que se deva prescindir desse contributo, mas vem lembrar mais uma vez que a solidariedade, o pedidório, a subscrição, não são soluções duradouras para aquilo que cabe às estruturas nacionais resolver. Não os desdenhemos, mas tenhamos sempre presente que a energia de um povo se deve dirigir fundamentalmente para a criação dessas soluções duradouras, mais do que para a institucionalização da oferta, da boa vontade, como remédio de todos os males. Seria um mal maior.

ESPINHO: ANOS SETENTA

continuação da página 5

— A CIDADE MUDA DE FACE

E os anos setenta assistiram também às primeiras eleições democráticas para as autarquias garantindo às forças que se reclamam de esquerda uma até ao presente não desmentida maioria entre os votantes. E foi a primeira Câmara democraticamente eleita que, assinala-se apenas com curiosidade de uma década, mandou instalar os primeiros semáforos numa cidade onde abundam os cruzamentos e consequências daí decorrentes. Também nos últimos anos outras novidades apareceram, com o cidadão a poder recorrer aos transportes urbanos criados por uma empresa particular, o lançamento de grandes obras de remodelação da zona onde se encontra o edifício do casino, alterações que se tinham aliás iniciado já anos atrás com o aparecimento do hotel Praia-golfe, a criação do novo arranjo da esplanada próxima e a demolição dos antigos cafés Gil e Costa Verde. Com a prevista demolição do Palace Hotel, será toda uma zona da cidade com fisionomia e vida bem próprias que está a ser profundamente modificada. Ainda do ponto de vista urbanístico, há que dar conta do aparecimento de alguns pequenos monstros com pretensões a arranha-céus, que só não se multiplicaram porque os interesses dos especuladores imobiliários não conseguiram até ao presente grande audição junto do poder local. Porém, de zonas verdes continuamos todos a estar mal servidos mas valha-nos o azul do mar ao longe. Grandes alterações na paisagem se verificaram também na zona norte da cidade, com a construção de um pontão e urbanização que está ainda por acabar.

E terminemos estas deambulações apressadas por um passado recente com a menção do aparecimento de duas cooperativas, de características bem diferentes, e separadas na sua formação por vários anos, a Cerci, para crianças deficientes, e a Coopespinho, virada para o consumo, mas que têm ambas a ver com muito do que de melhor nos trouxeram uns anos setenta que contaram no seu meio com o aparecimento da grande alegria de Abril.

tução sem uma base financeira mais ou menos sólida. Daí que várias sejam as fontes donde provêm os fundos necessários ao regular funcionamento do patronato. O facto é que embora as fontes sejam diversas, o dinheiro por vezes escasseia, pois as despesas são inúmeras.

De entre os contributos dados, o mais regular é o da Direcção-Geral de Assistência: 800\$00 mensais por criança, o que traduzindo num total, equivale a cerca de 120 contos. No entanto, até há bem pouco tempo o subsídio pouco ultrapassava os nove mil escudos trimestrais.

Também os órgãos autárquicos têm reconhecido a importância daquele estabelecimento, não na medida em que deveriam reconhecer, uma vez que a Câmara Municipal tem dado somente 5 mil escudos anuais e a Junta de Freguesia, dois

ESPINHO: ANOS SETENTA DE 70 PARA 80

Ao longo destes quase dez anos que já nos separaram do início dos «setenta», muitos assuntos de interesse local foram sendo abordados pelos cidadãos mais atentos. Muitos desses temas transitam agora para os anos oitenta, e todos teremos que continuar a pau para ver se agora é possível o que para trás continua por resolver.

E por resolver está, por exemplo, a questão dos acessos à cidade, embora a construção do pontão sobre a via férrea e o alargamento em curso da entrada da Ponte de Anta tenham já dado sinal de mudança. E se outros melhoramentos não houve não foi por falta de promessas, que num caso mesmo estão já a concretizar-se, embora com lentidão extrema, e estamos a referir-nos à ligação Espinho-Granja que, ao ritmo de construção actual, ameaça entrar bem nos anos noventa. E a dúvida é ainda maior no que se refere à desde sempre tão falada Variante à 109, de ligação Miramar a Maceda, e que está mesmo para arrancar a todo o momento... mas não arranca. Valha-nos que o prolongamento da rua 19 em direcção ao Picoto vai arrancar mesmo e esperemos que o resto não tarde muito.

Mas nem só com estradas se sonhou, e continua a sonhar. Há quem não desista de referir a urgente necessidade de um edifício para o Tribunal, uma nova estação dos CTT, uma nova casa para a PSP, uma estação de tratamento de esgotos, um Estádio ou Complexo Desportivo e até, sonhar é fácil, uma Casa da Cultura Municipal, com instalações apropriadas. Tudo isto obras que estão mais ou menos previstas, quase todas já com localização indicada, algumas a dar os primeiros passos, mas a maioria tão longe ainda. E como sonhar é próprio dos homens, eis que no terminar de uma década e no dealbar de outra nos oferecem de bandeja mais um sonho para os momentos de

pasmaceira: um porto de mar!

E falar em mar é falar na companhia, que ao longo destes anos com grandes dificuldades se teve de debater, acabando por não funcionar algumas vezes. Esta é uma questão em aberto para o futuro próximo, mas também aqui as promessas não faltaram. E se aos pescadores não lhes falta razão de queixa por causa da companhia, que dizer então do abandono a que esteve votado o bairro onde muitos deles habitam? Víctima aparente da indefinição de se saber sobre quem recai a responsabilidade da sua con-

nho, com o 25 de Abril parece que finalmente foi levado a sério pelas entidades competentes e espera-se a todo o momento o conhecimento das conclusões do primeiro estudo científico da situação e formas de a resolver. E já que nos prometam um porto mar, que nos dêem ao menos uns esporões ou o que quer seja que defenda gentes e haveres.

Mas haja vontade que os problemas a solucionar não faltam. E sem fazer uma indicação exaustiva, sempre lembraremos os casos do Rio Largo e da Ribeira de Silvalde, cada um deles, e em aspectos diferentes, a necessitar de urgente intervenção para lhes dar uma nova fisionomia, que mais favoreça a população local. Diremos ainda que o hospí-



Defesa da costa: um problema cuja solução transita para os anos oitenta.

servação, foi-se degradando crescentemente e hoje constitui um dos mais graves problemas sociais e habitacionais que a próxima década terá de ver resolvido.

Isto se o mar deixar, porque um dos dramas destes dez anos em Espinho tem sido o avanço constante das águas sobre a terra, começando por diminuir cada vez mais a praia e ameaçando regularmente e com grande fúria, como aconteceu no ano passado, as casas da zona ribeirinha. Problema dos mais antigos em Espi-

tal continua à espera que lhe seja feita justiça, com a realização das obras de melhoramento já prometidas e a possível integração numa nova estrutura de apoio sanitário às populações que dela bem carecem. A terminar este rol dos «esquecidos da década», e apenas para referir que os houve em muitos domínios, sempre diremos que continua por instalar o previsto Museu de Espinho, para o qual alguns entusiastas recolheram já material apreciável e que corre certamente o risco de se perder.

INFANTÁRIO 30 anos ao serviço da criança

continuação da página 1

A FECHAR

A terminar esta nossa visita ao patronato, ouvimos a directora, D. Maria de Lourdes. Aqui ficam as suas palavras. «O Ano Internacional da Criança terminou. No entanto quero frisar que ele se deve repetir todos os anos. Olhe, aqui não fizemos nem mais nem menos, o ano passado. Pois quando uma

criança faz anos, fazemos uma festinha na sala. Pois quando é a Páscoa, o Carnaval, o Natal, fazemos uma festa!

Eu penso que A.I.C. é por exemplo aceitar duas crianças pelo preço de uma, porque os pais não podem pagar mais. Temos que proteger a criança, lembrando-nos que é às crianças que caberá a construção do mundo de amanhã».

LEGADO

A actual situação financeira do patronato, como já se viu, não é a melhor. Foi portanto com satisfação que os responsáveis deste estabelecimento, receberam um legado do Sr. José Borges Alves, antigo funcionário da Câmara e falecido em Novembro último. A dádiva reverteu muito naturalmente a favor das crianças.

É de louvar tal atitude, quer pela raridade do acto, quer pelo alcance social da instituição beneficiada.



A Biblioteca Gulbenkian
Rua 21 - ESPINHO

PORTE
PAGO